

## **Ângelo**

Por André Arruda

O sonho de qualquer roteirista de ficção é ter imaginação e competência para criar uma figura tão fascinante quanto a de Ângelo Barbosa Monteiro Machado, que é retratada no curta-documentário “Ângelo”, de Mariana Machado (neta do personagem título). Se apresentando como cientista, professor de neuroanatomia e zoologia, dramaturgo, escritor, ambientalista e entomólogo, com uma paixão em especial por libélulas e borboletas, o senhor Ângelo é além de tudo um protagonista extremamente carismático – **“Gato tem 7 vidas. Como eu só tenho uma, tive que fazer tudo nessa”** ele chega a dizer em certo momento, num resumo da vida e do bom humor do sujeito.

Aliás, esta mistura de performático com autenticidade do protagonista pode também ser compreendido na própria abordagem da documentarista, que mesmo que pareça valorizar a personalidade do avô como figura atrativa, não deixa de pontuar no discurso do próprio filme as escolhas estéticas e narrativas que teve de fazer. Por exemplo, os momentos em que a voz da diretora surge narrando a decisão de incluir uma filmagem da avó (já falecida) ou o desejo, frustrado, de construir uma cena final do avô rodeado de borboletas soam como uma (bem vinda) ambição ao projeto. Ainda, expor as tomadas de decisões narrativas demonstra ao expectador o processo complexo que é abordar imagetivamente alguém como o protagonista, o que não deixa de ser adequada à proposta da obra.

Contudo, há também uma certa insegurança na abordagem, quando a diretora não deixa espaço para a interpretação do expectador, algo mais do que claro na sequência em que esta dispõe objetos do avô sobre uma mesa. Por si só este momento já se mostra fascinante pela aparente aleatoriedade dos objetos, num resumo perfeito da personalidade do protagonista, mas o *voice over* expõe os motivos das escolhas de cada item soa desnecessária, enfraquecendo justamente o elemento mais importante daqueles objetos, já que (de novo) a aparente aleatoriedade é a clara materialização do carinho e afeto ao longo de uma vida.

Mas isto se torna pécadilho perto do olhar sensível expressivo que a diretora possui sobre Ângelo, dando espaço para que este demonstre carinho, inteligência, vaidade e autenticidade em frente a câmera. Esta não é só uma obra de fascinação por um avô, mas por um velhinho irreverente que se mostra magnético tanto falando apaixonadamente sobre insetos, declamando versos românticos ou mesmo soltando cantos inesperados em sua banheira.

Composto por vários momentos divertidos em que o protagonista conta suas histórias e realizações, o projeto se beneficia não só do rosto expressivo e quase caricatural do indivíduo, mas até mesmo da dicção nem sempre compreensível de Ângelo, já que sentimos extrema satisfação em cada história ou piada que absorvemos da personagem. Como resultado, saímos do documentário com uma percepção nova de como o carinho e a paixão profunda pela vida podem ser expressas de maneiras diferentes e em materiais distintos, construindo legados e conexões ricas com nossos entes queridos.

Caso fosse um personagem fictício, Ângelo Machado já seria encantador, o fato deste ser um retrato de uma figura real torna a visão de mundo daquele idoso ainda mais contagiante - e transforma o documentário em si em mais uma materialização de afeto centrada naquela figura. E se tem algo que Ângelo e Mariana Machado têm em comum é a habilidade de demonstrar como o afeto pode ser apaixonante e tridimensional.